



O consumo nosso de cada dia na Universidade Federal de Sergipe

Laura Jane Gomes; Drauzio Correia Gama

Quando fui convidada para ministrar uma palestra sobre consumo, avisei que não seria a pessoa mais indicada. Não me sinto uma referência no assunto ou um exemplo a ser seguido, apesar de já ter feito algumas tentativas, algumas fracassadas (quando exterminei acidentalmente as minhocas do minhocário caseiro); ou bem sucedidas, pois, no condomínio onde resido 100% dos moradores separaram o material reciclável destinado à única cooperativa da cidade.

Mas, sinceramente, tal sucesso é muito pouco diante dos desafios que devemos enfrentar em cidades como Aracaju, São Cristóvão ou numa Universidade Federal como a de Sergipe.

Nós, acadêmicos, vivemos em um mundo teórico, discutimos e escrevemos sobre temas relacionados à educação ambiental e sustentabilidade. Por diversas vezes somos compreendidos como "gente em situação cômoda", diferentemente de quem, no dia a dia, está lá "fora". Penso que esse seja um equívoco dos próprios acadêmicos, pois a universidade pública no Brasil é calcada no tripé do Ensino, Pesquisa e Extensão. Sentimos a necessidade de mudar essa impressão que os acadêmicos têm, mas, por outro lado, somos movidos pelo sistema da produção acadêmica - leia-se realização de pesquisas, e, conseqüentemente, pela "Plataforma Lattes". No en-

tanto, muito pouco ou nada fazemos pela melhoria da qualidade do ensino e menos ainda pela extensão.

Resolvi falar aqui sobre consumo e como ele vem acontecendo em meu "mundo"; meu "mundo e nada mais" que tem sido os meus últimos dez anos na Universidade Federal de Sergipe. "Mundo" esse em que, através da concepção daquilo que consigo julgar como certo ou errado, se analisarmos sob a ótica da sustentabilidade, observo alguns comportamentos cotidianos e peço licença para tecer algumas considerações.

Na oportunidade, apresentarei alguns casos e possíveis considerações. Permitam-me, com certa dose de provocação, além de enumerar avanços e conquistas acerca de ações voltadas ao consumo e meio ambiente na universidade.

Para se falar de consumo em um ambiente público de uso contínuo, em se tratando de uma universidade, é preciso acurar olhares diferentes para diferentes acontecimentos.

Peço licença aos estudiosos da Educação Ambiental. Sem querer adentrar ao mundo filosófico, sociológico, ecológico ou de qualquer ciência, inicio com certo teor de reflexão, definindo sobre o que vem a ser a palavra consumir.

Pois bem, nada melhor para defini-la do que recorrer ao velho amigo e útil Dicionário da Língua Portuguesa, o Aurélio. Sim, o Dicionário Aurélio quase esquecido no tempo, pois hoje em dia a maioria da população pesquisa via *internet* e não necessariamente em um dicionário impresso. Mas o meu Aurélio de bolso, já todo amarelado e cheio de rabiscos, minuciosamente me sugere uma infinidade de definições. E ele diz que consumir é: "1-Corroer até a destruição; destruir. 2-Destruir pelo fogo. 3-Gastar (bens de consumo ou de produção) pelo uso. 4-Absorver (alimento ou bebida). 5-Enfraquecer, abater. 6-Desgostar, mortificar. 7-Adquirir bens de consumo ou de produção. 8- Apoquentar-se".

Tornando o sentido de consumir como algo que pode “corroer até a destruição”, ou “destruir, enfraquecer e abater”, ou mesmo “desgostar e mortificar”, acabo por entender que o uso do termo consumir não se limita em sua própria definição, pois ele abrange um sentido conotativo quando o utilizamos no dia a dia como sinônimo de desgaste físico e psicológico. É comum ouvirmos, por exemplo: “Esse relacionamento está me consumindo” ou “Esse meu dia a dia de trabalho me consome”, ou seja, todo o tempo, fazemos uso do termo. Às vezes, involuntariamente ou por hábito. Então, já podemos ter uma ideia de quanto o termo nos é familiar. Além, é claro, do sentido literal da palavra, como o consumo de algum bem, por exemplo, ou as compras que fazemos nos supermercados.

Enfim, como não é meu objetivo deflagrar o termo pelo viés de alguma ciência, perpetrarei menção, portanto, daquilo que presencio no sentido literal. Por exemplo, objetos ou restos de comida que, uma vez ou outra, são deixados por estudantes universitários no final das aulas em lugares inapropriados; restos de maçã, garrafas de refrigerante, etc. E vejo esses objetos, ali solitários, como se eles tentassem “gritar” para mim:

“Esqueceram-me, esqueceram-me. Leve-me daqui, leve-me para algum lugar apropriado onde eu possa me decompor (maçã). Onde eu possa ter um destino correto (garrafa PET)!”

Da mesma forma, quando estou transitando pelo campus, às vezes, flagro objetos esquecidos e fotografo, como vários copos descartáveis, por exemplo, simplesmente deixados à mesa no pátio... e novamente como que “gritando” por resgate!

E quando me deparo com um estudante universitário jogando lixo pelo chão e, ao abordá-lo, ele simplesmente fala que assim está gerando emprego para o pessoal da limpeza?! Que lindo isso, não? Então, pela mesma razão, ele deveria morrer para gerar emprego ao coveiro? Claro que nenhuma coisa nem outra. Da mesma forma, são os ventiladores que esquecem ligados (isso quando há ventiladores!).

Outro exemplo que pode ser citado é a forma como é destinado o lixo do Restaurante Universitário pelos estudantes: materiais recicláveis misturados aos resíduos orgânicos em um mesmo cesto. Isso seria até tolerável se não existissem dois tipos de coletores: um cesto para o material sólido e outro para destino do material orgânico (restos de comida). Pois bem, é teoricamente comprovável que quem frequenta o Restaurante Universitário já teve acesso à educação básica. Lamentavelmente, o que se vê não faz jus a essa teoria. Será por qual motivo? Preguiça, desinformação ou falta de educação mesmo? E em plena universidade? Fica a pergunta. Afinal, são comportamentos que estão sendo praticados por todos os tipos de frequentadores da universidade, sejam eles estudantes, funcionários ou professores.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), aquela que rege a educação formal do Brasil:

“(...) a escola é um lugar de aprendizagem e convivência social que deve oferecer a quem a ele acede não apenas o espaço físico e um espaço profissional, mas também, sobretudo, um espaço relacional de convivência, cooperação e de resolução de conflitos.”

Por um tempo se cogitou a gestão ambiental para a Universidade Federal de Sergipe. E a partir da iniciativa de um grupo, do qual alguns já não fazem mais parte, surgiu a ideia de trazer a gestão ambiental pública para a universidade, fruto de uma tentativa de longa data, por meio da Pró-Reitoria de Planejamento e com a contribuição de alguns funcionários e estudantes, visando à implantação dessa nova forma de gestão e organização dentro da universidade. Vale citar também a iniciativa da professora Mirna Landim (Biologia) que, antes do estabelecimento da coleta seletiva, já possuía seu sistema de seleção em seu setor de trabalho. Além de outros professores, a exemplo do professor Daltro Filho (Engenharia Civil).

Inicialmente, além de promover campanhas sobre educação ambiental e consumo responsável, as ações da UFS Ambiental foram voltadas para a questão do lixo da universidade, até então, joga-

do nas imediações da própria instituição de ensino superior a céu aberto. A iniciativa logrou êxito, pois o lixão foi removido. E mesmo havendo um caminhão de limpeza pública que frequentemente fazia a coleta, aquilo ainda não parecia ser suficiente, pois nos deixava inquietos. A situação instigava a busca de outras soluções. Alguma coisa a mais precisava ser feita e, através desse grupo, do qual participei por um tempo, iniciativas foram tomadas, como a aquisição de cestos de lixo apropriados.

Num primeiro momento, não foram adotadas as convenções de cores destinadas para cada tipo de resíduo (coleta seletiva) conforme a normatização, pois, a fim de se evitar desperdício, foram aproveitados os coletores já existentes na universidade. Por fim, atualmente, essa forma de seletividade (laranja para reciclável e azul para não reciclável) já é aceita, exceto por algumas pessoas desavisadas. Alguns até se utilizam da justificativa de que não conseguem entender o significado da cor ou que deveria haver figuras ilustrativas. É difícil aceitar que pessoas, em pleno século XXI, não consigam distinguir o lixo reciclável do que não é. Ou seja, o ser humano sempre fez uso de um "porém" como defesa contra aquilo que ainda não assimilou.

Atualmente, a UFS Ambiental possui rede social e promove palestras em início de período em salas de aula. Mesmo não sendo reconhecido por alguns gestores da própria universidade, o grupo presta serviços voluntariamente, a exemplo da capacitação dos funcionários e terceirizados da limpeza.

Ainda que implantada a coleta seletiva, o que já foi uma conquista, a UFS Ambiental ainda conseguiu algo que talvez seja o mais difícil: levar o material coletado para uma associação de catadores, a ASCOC (Associação dos Catadores do Coqueiral). Essa associação foi constituída com o apoio de professores e estudantes da UFS e da Secretaria de Ação Social do Município de Aracaju. No ano de 2011, o resíduo gerado na universidade já estava sendo destinado para a Associação, o que contribuiu de forma significativa para a promo-

ção socioeconômica dos catadores, com o aumento da renda familiar devido à forma organizada do trabalho da reciclagem.

Esse aumento da renda poderia ser ainda maior, caso o resíduo tivesse sido destinado de forma correta, ou seja, do lado de "cá" da universidade. Com relação à forma de coleta e destinação, um dos problemas enfrentados no início foi o fato de que os resíduos de diferentes categorias estariam sendo misturado uns aos outros. E a resposta da Associação, que soou um tanto quanto estranha para os envolvidos com o projeto, foi a sua solicitação em não receber mais os resíduos gerados na UFS porque daquela forma misturada inviabilizava até mesmo a triagem do material. A decepção maior foi ter que aceitar o fato de que as próprias pessoas que convivem num ambiente de alto nível educacional, a universidade, não estavam contribuindo com a simples seleção do material.

Acredito que não seja necessário pesquisar no velho amigo Aurélio o que vem a ser a palavra universidade. Portanto, foi no mínimo vergonhoso. De qualquer forma, já foi uma melhoria a retirada do lixão da universidade para a destinação da reciclagem. A tarefa seguinte foi manter os frequentadores desse "universo", desse "meu mundo e nada mais" convencidos a destinar, em seu cotidiano, cada tipo de resíduo de forma correta.

Necessitando diagnosticar o ambiente coletivo da universidade, a UFS Ambiental realizou vários estudos. Dentre eles, em 2011, um levantamento de dados sobre os resíduos que são monitorados quando saem da UFS. Em setembro, por exemplo, 2.294 kg de resíduos saíram da UFS para a associação de catadores. Desse total, 1.331 kg foram reaproveitados para fins de reciclagem, o que gerou a renda de R\$ 316,55. O dado que chama a atenção é a quantidade de material impróprio para reciclagem que girou em torno 900 kg (UFS, 2011).

Em outra pesquisa, também realizada em 2011, foram entrevistados alguns funcionários para saber a opinião deles sobre a mudança na rotina de trabalho se implantada a coleta seletiva. Dos resultados,

inicialmente, 100% dos funcionários concordaram com a coleta seletiva. Sobre os frequentadores da universidade, houve uma significativa queixa dos funcionários em relação aos estudantes e professores que não expressam uma ação de coletividade (UFS, 2011).

Outro assunto a ser aludido sobre consumir no mundo da universidade é a questão das árvores no campus de São Cristóvão, ou seja: O que nós consumimos de árvores?

Ao contrário do que alguns possam imaginar, as árvores desempenham importante função em um ambiente urbano; no caso em questão, o da universidade. Além de regulação de microclima, contenção de ruídos e purificação do ar, as árvores contribuem para manter o local adequado, com sombra e arejamento para o convívio social. Cito como exemplo um jovem estudante de filosofia que encontrei lendo à sombra de uma dessas árvores e fiz questão de fotografar, dentre outros que, de diversas formas, têm consumido esses espaços e suas benesses. E se não existissem as árvores?

E com base em um dos relatórios do Grupo de Pesquisa do curso de Engenharia Florestal, intitulado "Grupo Restauração", desde 2009, mais de 500 árvores adultas foram cortadas. E o pior, sem licença ambiental. Nesse período, foram plantadas 2.070 mudas (acordo entre UFS e a Controladoria Geral da União) como forma de compensar as 500 árvores cortadas. Destas, 70%, que já estavam com 1,5 metros de altura, foram arrancadas, soterradas e pisoteadas por construtoras em obras na universidade e por vândalos (vândalos, leia-se estudantes em festinhas de cursos que em suas danças pisotearam as mudas!) em diferentes locais da universidade. E alguns ainda querem justificar a barbárie falando que algumas das árvores cortadas seriam exóticas, não tendo importância, isso ou aquilo outro. Tecnicamente qualquer árvore é importante e legalmente é crime cortá-la sem licença ambiental. Infelizmente, cortaram, bem como algumas que estavam localizadas próximo ao horto da universidade. Árvores com 40 a 50 anos de idade, seguramente. Estas da espécie aroeira, pau-brasil, sucupira, ipê, saboneteira, goiabeira,

craibeira, camarão, amendoeira, mangueira, jamelão, murici, figueira, angelim e pau-pombo.

Enfim, fico imaginando que tais atos são um reflexo do que está acontecendo lá "fora". Até porque se o Congresso Nacional acabou com o Código Florestal, pergunta-se: "Você quer o quê?". Se o Congresso Nacional autorizou a destruição; se a bancada ruralista (grupo de parlamentares com comportamento eticamente imoral sobre as questões ambientais) vence os debates na plenária e se grupos derrubam árvores sem licença ambiental, por que a universidade não pode fazer? Então, qual é a diferença? "Se ninguém precisa respeitar por que eu preciso?" Essa é a lógica (?).

O que nos separa, afinal, da natureza? Quais são os limites da universidade? O que realmente separa a gente da matinha (pequena reserva de Mata Atlântica pertencente à UFS e que se encontra severamente ameaçada por um muro que a separa da área construída da universidade)? Onde está o verdadeiro limite da universidade? Ou o que está acontecendo por fora dos muros da universidade já nos distanciou da natureza? E sobre esse muro, quantos milhões foram gastos na construção dele para nos proteger (pasmem!) de assaltantes? Será que estamos protegidos dentro da universidade? Ou essa separação foi estratégica em oferecer forças à expansão imobiliária que já está atuando nos limites físicos da universidade?

Em busca do Pelotão Ambiental, da ADEMA e do IBAMA para que exercessem o poder de polícia, a fim de frear a degradação na matinha, a retirada de madeira, a disposição inadequada de entulho, por exemplo, para nossa surpresa, os referidos órgãos se recusaram a registrar/acompanhar a denúncia. Por fim, a área que já se encontra degradada tem perdido algumas de suas funções ecológicas, a exemplo do abrigo à fauna.

Fica até parecendo que não existem cursos de Engenharia Florestal, Biologia, Ecologia; que não existem normatizações técnicas ou leis pertinentes. Ou será que precisamos agir como ambientalistas da

década de 70, tendo que subir em árvores para chamar a atenção da opinião pública?

E continuando a saga em consultar o senhor Aurélio, dessa vez, fomos buscar o conceito de cultura, uma vez que no Brasil costuma-se afirmar que todo comportamento é cultural.

Cultura, portanto, segundo Aurélio, é:

“1-Ato, efeito ou modo de cultivar. 2-Complexos de padrões de comportamento, crenças, das instituições, e outros valores transmitidos coletivamente e típicos de uma sociedade”. Ou seja, civilização.

E dessas “culturas” presenciadas na universidade, cito mais uma: a derrubada de placas nos passeios quando do momento de sua reforma. Então, para ampliar a universidade uma placa de sinalização ou um coletor de resíduo tem que sucumbir? E pior, devem ser deixados, esquecidos por várias semanas? Ninguém se preocupou em remover ou guardar o que foi tirado do lugar! Detalhe: a placa ficou deitada e esquecida em frente ao Programa de Pós-Graduação e Desenvolvimento e Meio Ambiente. Mas, logo vem o discurso de um gestor público:

“Mas a universidade está ampliando; esse é o preço do progresso, do crescimento”.

Diante de tal expressão, do progresso em detrimento do meio ambiente, semelhante ao discurso do representante do Brasil na Conferência de Estocolmo, que depois se repete na Rio+20, às vezes, me sinto uma extraterrestre! Para tentar entender tais atitudes, encontro Araújo (2004) que fez uma análise sobre cultura das organizações no Brasil. Este autor menciona que o brasileiro possui historicamente uma cultura no setor público que passa pelo clientelismo, depois patrimonialismo e agora tenta superar tais barreiras e entrar para a era da gestão.

Mas como mudar uma cultura clientelista, patrimonialista e com muitos vícios, a exemplo do “jeitinho brasileiro” que nada mais é do que

uma forma de corrupção de valores? Quantas vezes nos pegamos dizendo que "isso não muda por que é cultural". Mas será que a cultura não pode ser mudada? Cultura é estática? E, afinal, o que é cultura?

O mesmo autor menciona ainda os problemas que são gerados na administração pública em função da ausência de gestão, tais como a centralização do poder, personalismo, ambiguidade, descontinuidade, patrimonialismo, clientelismo, falta de clareza da missão e ausência de padrões de desempenho. Características que podemos perceber em atos falhos da universidade, por serem órgãos públicos.

Ainda, segundo o autor, para uma determinada organização galgar êxito na gestão, ela precisa corrigir esses e outros vícios, senão nunca vai conseguir mudar sua cultura.

Enfim, trazendo para o nosso lado pessoal, se pudéssemos nos monitorar 24 horas por dia, iríamos perceber que cometemos algumas dessas coisas, seja de forma involuntária ou não. Coisas que têm a ver com corrupção e centralização do poder.

Por sorte, é possível que se mude uma "gestão", mudando a "cabeça" de quem está lá. Um exemplo disso é a própria UFS Ambiental que passou um bom tempo tentando provar que ela deve fazer parte de uma política de planejamento e deixar de ser apenas um projeto de extensão universitária.

Portanto a universidade, culturalmente falando, tem que dar bons exemplos, pois é vergonhoso sair para além de seus muros e falar de algo (teorias e mais teorias) que na própria universidade não se pratica. Como vou ensinar algo se eu não o pratico? No nosso caso, estamos assoreando o rio Poxim, cortando árvores, deixando de separar os resíduos.

Não vamos mudar de um dia para o outro, mas é preciso começar a mobilizar, sair do comodismo, da preguiça, parar de olhar para o próprio umbigo e começar a ver o mundo de outra forma. Principalmente com relação aos egos da academia.

Podemos mudar uma cultura? Para ilustrar tal provocação, cito um caso emblemático que aconteceu em período de festa junina, quando um carro simplesmente adentrou as dependências da universidade a fim de buscar lenha para, supostamente, confeccionar a tradicional fogueira de São João. Não quero aqui ir de encontro à referida festa tradicional, ao contrário, adoro a festa, as músicas e as comidas típicas. O objetivo não é ser contrário a quem goste de pular fogueira. Todavia, será que se justifica essa saída de lenha da universidade para fazer a fogueira ou, quem sabe, até vender? Logo vem a resposta: "Ah, é cultural, professora!"

O problema, de fato, é a gestão universitária que precisa ser mais comprometida com políticas públicas relacionadas à sustentabilidade, a exemplo da Política Nacional do Meio Ambiente e da Política Nacional de Educação Ambiental.

As políticas públicas do gênero, como as políticas de resíduos sólidos, contemplando o controle de poluição e descartes, além dos princípios constitucionais da prevenção e precaução, comprovam que, seguramente, o Brasil possui diretrizes claras, sob o aspecto legal, em direção ao desenvolvimento sustentável.

Ademais, é perceptível como a universidade pode adotar e seguir a gestão pública ambiental, a exemplo da USP Recicla e de dezenas de outras universidades espalhadas pelo Brasil (DEL CONTO, 2010). Porém, é notório que algumas desculpas são alardeadas, como se justificassem uma possível inoperância da gestão.

Portanto, caminhando nesse sentido, a UFS Ambiental conseguiu, de certa forma, exercer uma gestão ambiental e fazer muitas ações concretas como a "UFS - Direito de ir e vir", que exercitou uma forma diferente e envolvente sobre as questões ambientais, "autuando" alguns condutores de carros e motocicletas por trafegarem de forma imprudente pelas vias da universidade. A "multa" aplicada era um quilo de alimento. Além de também envolver estudantes de diferentes áreas, como foi o caso de estudantes de Comunicação e Pu-

blicidade, que desenvolveram a logomarca da UFS Ambiental. São exemplos de iniciativas que promovem a externalização do tema para uma maior tomada de consciência das questões ambientais, provocando assim a necessidade de melhor gestão do ambiente.

As políticas públicas não devem ser refutadas por uma cultura e sim incorporadas, a exemplo das questões relacionadas ao consumo, o dito consumo responsável. É necessário que tal consumo seja feito com critérios que já são proeminentes nas políticas públicas. Essas políticas podem ser percebidas quando se fala em serviços ambientais, geração de resíduos, coleta seletiva, gestão integrada dos resíduos sólidos, em áreas verdes urbanas.

Pode-se perceber, então, como tudo está interligado ao consumo, resultado daquilo que se consome, do que é descartado e do que foi consumido. Ou seja, a solução para a Educação Ambiental e consumo pode começar na cozinha, fazendo um delicioso bolo de chocolate do livro de receitas da Dona Benta. Porém, só depende do que você irá escolher e utilizar quanto à origem dos ingredientes.

Bom apetite!

Referências

ARAÚJO, M. A. R. **Unidades de Conservação no Brasil: da república à gestão de classe mundial.** Belo Horizonte: SEGRAC. 272 p. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** 1996. In: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>

DEL CONTO, S. M. **Gestão de resíduos em universidades.** Caxias do Sul: Educ. 2010. 319 p.

HOLANDA FERREIRA, A. B. **Minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1ª Edição, 12ª Impressão. 1977. 506 p.

UFS. Universidade Federal de Sergipe. **Relatório ações e monitoramento da UFS Ambiental.** 2011 (Mimeo).